



PRIMITIVOS

PORTUGUESES

1450-1550

O Século
de
Nuno Gonçalves

mnaa
Museu Nacional de Arte Antiga

ATHENA

PRI
MI
TI
VOS

PORTUGUESES

1450-1550

O Século
de
Nuno Gonçalves

Museu Nacional de Arte Antiga
11 Novembro 2010 – 27 Fevereiro 2011

Museu de Évora
18 Novembro 2010 – 27 Fevereiro 2011

MC
MINISTÉRIO DA CULTURA

imc
INSTITUTO
DOS MUSEUS
E DA CONSERVAÇÃO



CENTENÁRIO
DÁ REPÚBLICA
1910-2010
COMISSÃO NACIONAL
DE ORGANIZAÇÃO
DO CENTENÁRIO DA REPÚBLICA

APOIO

 Santander Totta

Organizar, no Museu Nacional de Arte Antiga, em 2010, uma exposição intitulada *Primitivos Portugueses* é, evidentemente, assumir sem reboço um diálogo com a memória – na sua dupla acepção de História e historiografia. E desde logo com a própria memória da instituição que, sete décadas volvidas, volta a acolher, no mesmo espaço (o anexo de Rebelo de Andrade ao velho Palácio das Janelas Verdes, então inaugurado), mostra homónima à que Reinaldo dos Santos criaria, sob a égide retórica e simbólica da exposição do *Mundo Português* que, nesse ano sideral de 1940, se espraiava à beira-Tejo. Mas, sobretudo, com o mito aí encenado de uma identidade *demonstrada*, da geografia à antropologia, forja de um devir heróico que a Expansão derramaria pelo Mundo ele mesmo.

No que à pintura estritamente respeitava, esse ADN dificilmente poderia afinar-se pelos padrões cronológicos da Pátria: mas também a questão não era essa, no *curso de primitivos* que envolvera, na viragem do século, as *principais* nações: mas, essencialmente, poder *documentar-lhe* uma raiz original e explicitamente indemne em relação ao lastro hegemónico das *escolas* flamenga e italiana. E esta emergira subitamente à luz da ciência, trinta anos antes, com a divulgação, em 1909, das primeiras imagens dos *Painéis de São Vicente*, ainda em restauro e com a sua memorável exposição pública (Maio de 1910), acompanhada do livro de José de Figueiredo *Arte Primitiva Portuguesa. O Pintor Nuno Gonçalves*: a que se seguiria imediata repercussão internacional do achado.

Topara-se, enfim, com a certidão de nascimento da pintura portuguesa, com ela se logrando consagrar também uma *escola portuguesa de pintura*, demonstrada operativamente nos cem anos que se seguiriam: 1450-1550, *O Século de Nuno Gonçalves*; o que na sua esteira se desenrolava. O ciclo varonil enquadrado pelos Descobrimentos. Sem o nomear por este modo, era esse *facto* que Reinaldo dos Santos evocava e buscava consagrar, lado a lado com a exposição do *Mundo Português*, na mostra monumental que organizaria nas Janelas Verdes (mais de 300 peças), museu, de resto, emergido em 1911 do desmembramento do antigo Museu de Belas-Artes e Arqueologia, agora justamente reorientado como *Museu Nacional de Arte Antiga*.

Um punhado demasiado espesso de datas, certamente, encastelado em ano centenário, para não convocar espontaneamente esse diálogo de memórias e uma pertinente reavaliação do seu valor operativo. A justificar o generoso apoio da Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, que aqui se reconhece e agradece. Porém, ancorada em tal epistemologia, que deliberadamente invoca em homenagem desconstrutivista, a presente mostra é por completo outra: mesmo que novamente se trate de uma grande exposição.

Não, todavia, pela desmesura da escala, que naquela lhe enquadrava a retórica necessária; antes pela reflexão que promove, estrategicamente delineada sobre o trilha central da pintura retabular, efectiva medula de uma produção norteada por estratégias de ideologia cultural que importa exumar e isolar; e ainda pela convocação indispensável e inédita de peças sempre avocadas mas jamais vistas entre nós; pela mobilização de importante espólio particular; pela metódica e transdisciplinar reunião do

lastro documental do *processo dos painéis*. Enfim e muito especialmente, pela coragem de proceder previamente (com o apoio solidário do Centro Hércules da Universidade de Évora) à indispensável, metódica e laboriosa análise laboratorial de uma parte substantiva das pinturas expostas, revelando, pela primeira vez de forma sistémica, o *modus operandi* dessas produções e com isso fornecendo, enfim, uma base científica ao estudo e conhecimento dos *Primitivos Portugueses*: à margem de outra ambição que não a de *conhecer* a primeira idade da produção pictórica em território nacional.

Ao termo, é seguramente um deslumbramento o que se colhe da possibilidade de olhar o desenho subjacente (e fruir a sua evolução) a um vasto número de pinturas; ou de contemplar, por vez primeira, peças cuja condição dissuadiria a sua apresentação pública, não foram a dedicação e o empenho do Laboratório de Conservação e Restauro José de Figueiredo; de reunir retábulos que a voragem do tempo dispersou, à cabeça dos quais esse extraordinário do antigo Convento da Trindade que acolhe, na sua monumentalidade, os visitantes: possibilitando, enfim, uma eficaz interpretação e uma reversão, ainda que temporária, do ónus que sobre ele e tantos fatalmente pesaria.

É, pois, um verdadeiro renascimento que por esta via se opera para os *Primitivos Portugueses*, simbolicamente um século volvido sobre a sua própria consagração canónica. Não é, porém, de refundar-lhe os alicerces que se cura agora, em nova reafirmação da singularidade de uma *escola portuguesa de pintura*; mas tão só de, finalmente, proceder com método e rigor à reunião dos dados da questão: prosseguindo mesmo o caminho inverso, de uma integração compreensiva em relação à produção pictórica internacional contemporânea. Ou, o que talvez seja a melhor homenagem, abrindo essa arca da aliança da idade primigénia da nossa pintura (*ut pictura poesis*) a mais um diálogo operativo – deslumbrado e deslumbrante – com a criação estética contemporânea.

Donde a necessidade (e a pertinência) de desdobrar a presente mostra num pólo albergado no Museu de Évora, significativamente dedicado aos *Pintores Luso-Flamengos* e às oficinas activas na cidade nas décadas iniciais da centúria de Quinhentos – designio cujo bom acolhimento muito importa agradecer. Donde a oportunidade (e a justeza) de possibilitar, no quadro da exposição, o contraponto sugerido por uma notável instalação de Pedro Cabrita Reis, para esse efeito em especial concebida no quadro da exposição paralela *D'après Nuno Gonçalves*, que o Museu acolherá igualmente, em articulação com o congresso homónimo, numa oportuna parceria com a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e por seu generoso empenho.

Ao apoio do Banco Santander-Totta, finalmente, sem dificuldade seduzido pela óbvia relevância de semelhante projecto, deve o MNAA, com a edição do presente catálogo, poder tornar perene o esforço realizado, fixado no contributo científico dos autores. A todos e a cada um se exara aqui expresso reconhecimento.

ANTÓNIO FILIPE PIMENTEL

Director do Museu Nacional de Arte Antiga

APRESENTAÇÃO	
João Brigola, Filipe Serra e Graça Filipe	5
António Filipe Pimentel	7
António Camões Gouveia	9
A EXPOSIÇÃO. CEM ANOS DE PRIMITIVOS PORTUGUESES	14
José Alberto Seabra Carvalho	
UMA PAISAGEM COM POUCAS FIGURAS. QUESTÕES DA PINTURA PRIMITIVA PORTUGUESA	18
Joaquim Oliveira Caetano	
A INVENÇÃO DE UMA IDENTIDADE PARA OS PRIMITIVOS PORTUGUESES	28
José Alberto Seabra Carvalho	
ETNOGRAFIA, ETNÓGRAFOS E CONFIGURAÇÃO DA IDENTIDADE	42
Joaquim Pais de Brito	
PRIVILÉGIO E OFÍCIO NOS COMEÇOS DE UMA PROFISSÃO ARTÍSTICA. UM PINTOR, O QUE É?	52
Joaquim Oliveira Caetano	
A PINTURA E OS SEUS DESTINATÁRIOS. A APRESENTAÇÃO E A FUNÇÃO DA IMAGEM NOS SÉCULOS XV E XVI	70
Dalila Rodrigues	
A PINTURA MURAL PORTUGUESA ENTRE 1400 E 1550	82
Luís Urbano Afonso	
EM DEMANDA DA PINTURA MEDIEVAL PORTUGUESA (1100-1400)	94
Luís Urbano Afonso	
O SÉCULO XV	
O SÉCULO XV. NUNO GONÇALVES E OS OUTROS	110
José Alberto Seabra Carvalho	
DA FORMAÇÃO ARTÍSTICA DE NUNO GONÇALVES	116
Dalila Rodrigues	
s/ TÍTULO	128
Pedro Cabrita Reis	
O GOSTO FLAMENGO E O RETÁBULO PENINSULAR	
OS RETÁBULOS DAS CATEDRAIS DE VISEU E LAMEGO E DA IGREJA DE S. FRANCISCO DE ÉVORA – UMA TRIANGULAÇÃO POLÉMICA	132
Dalila Rodrigues	
DOIS MESTRES LUSO-FLAMENGO: MESTRE DA LOURINHÃ E FREI CARLOS	156
José Alberto Seabra Carvalho	

OFICINAS DISPERSAS

O TRÍPTICO DA LAMENTAÇÃO DE GUIMARÃES Dalila Rodrigues	176
VICENTE GIL E MANUEL VICENTE: DOIS PINTORES EM COIMBRA E UMA OBRA COM VÁRIAS DÚVIDAS Joaquim Oliveira Caetano	180
OFICINAS DE VISEU E PROCESSOS ARTÍSTICOS: GRÃO VASCO E GASPAR VAZ Dalila Rodrigues	188

A GRANDE OFICINA

LISBOA: A GRANDE OFICINA Joaquim Oliveira Caetano	200
------------------------------------------------------	-----

TEMPOS DE MUDANÇA

SOB O SIGNO DO HUMANISMO. O FINAL DO RENASCIMENTO NA PINTURA PORTUGUESA Joaquim Oliveira Caetano	230
--------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

MESTRES LUSO-FLAMENGOS EM ÉVORA

MESTRES LUSO-FLAMENGOS EM ÉVORA – A PINTURA E O DESENHO Joaquim Oliveira Caetano	276
-------------------------------------------------------------------------------------	-----

«NÃO HÁ DE ENCOBERTO QUE NÃO VENHA A SER DESCOBERTO, NEM DE OCULTO QUE NÃO VENHA A SER REVELADO». CONSIDERAÇÕES SOBRE A TÉCNICA DE REFLECTOGRAFIA DE INFRAVERMELHOS António Candeias, Luís Piorro, Sara Valadas, Cristina Dias e José Mirão	294
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

BIBLIOGRAFIA	300
--------------	-----

EXPOSIÇÃO

Comissário

José Alberto Seabra Carvalho

Comissário-Adjunto

Joaquim Oliveira Caetano

Assessoria ao Comissariado

Anísio Franco (Transportes)
Celina Bastos (Documentação)
Graça Abreu (Montagem)

Comunicação

Anísio Franco
Ramiro Gonçalves
Ana Filipa Sousa

Conservação e Restauro

Museu Nacional de Arte Antiga:
Susana Campos
IMC/Laboratório de Conservação e Restauro
José de Figueiredo:
Ana Frixell
Carlos Marques
Constança Libano Monteiro
Dulce Delgado
Elsa Murta
Francisca Alberti
Glória Nascimento
Mercês Lorena
Pedro Correia
Raul Leite
Teresa Homem de Melo
Vitor Carvalho
Oficina Arterrestauro – Pintura e Escultura Lda.
Teresa Serra e Moura

Estudos Laboratoriais

IMC – Laboratório de Conservação e Restauro
José de Figueiredo e Centro HERCULES,
Universidade de Évora:
António Candeias
Cristina Dias
José Mirão
Luís Piorro
Sara Valadas

Secretariado Técnico

Madalena Thomaz
Sabine Volkmann

Serviço Educativo

Museu Nacional de Arte Antiga:
Adelaide Lopes
Ana Rita Gonçalves
Maria de Lourdes Riobom
Rita Azevedo
Museu de Évora:
Celso Mangucci
Teresa Crespo

Design de Comunicação

FBA. e Ana Sabino

Arquitectura

Elsa Duarte – projecto do Museu Nacional
de Arte Antiga
Manuela Fernandes – projecto do Museu de Évora

Montagem

J. C. Sampaio, Lda.

Luz

Vitor Vajão. Atelier de Iluminação e Electrotecnia,
Lda.

Transportes

Feirexpo

Segurança

Luísa Penalva
Raul Semedo

Vigilância

Rui Trindade

Seguros

Lusitânia Companhia de Seguros, S.A.
Gras Savoye – Sociéte de courtage d'assurance
et de réassurance
Kuhn & Bülow Versicherungsmakler GmbH
Service Assicurazioni – Axa Art Versicherung AG
– Italy

CATÁLOGO

Coordenação editorial

Ana de Castro Henriques

Assessoria técnica

Ana Filipa Sousa

Revisão

SEC – Serviços Editoriais e de Comunicação, Lda.

Design

João Bicker/FBA.

Impressão e Acabamento

Maiadouro

Tiragem 2000 exemplares

Depósito Legal: 319120/10

ISBN 978-972-776-410-5

ISBN 978-989-30-0007-6

Edição

mnaa
Museu Nacional de Arte Antiga

ATHENA

é uma chancela

babel